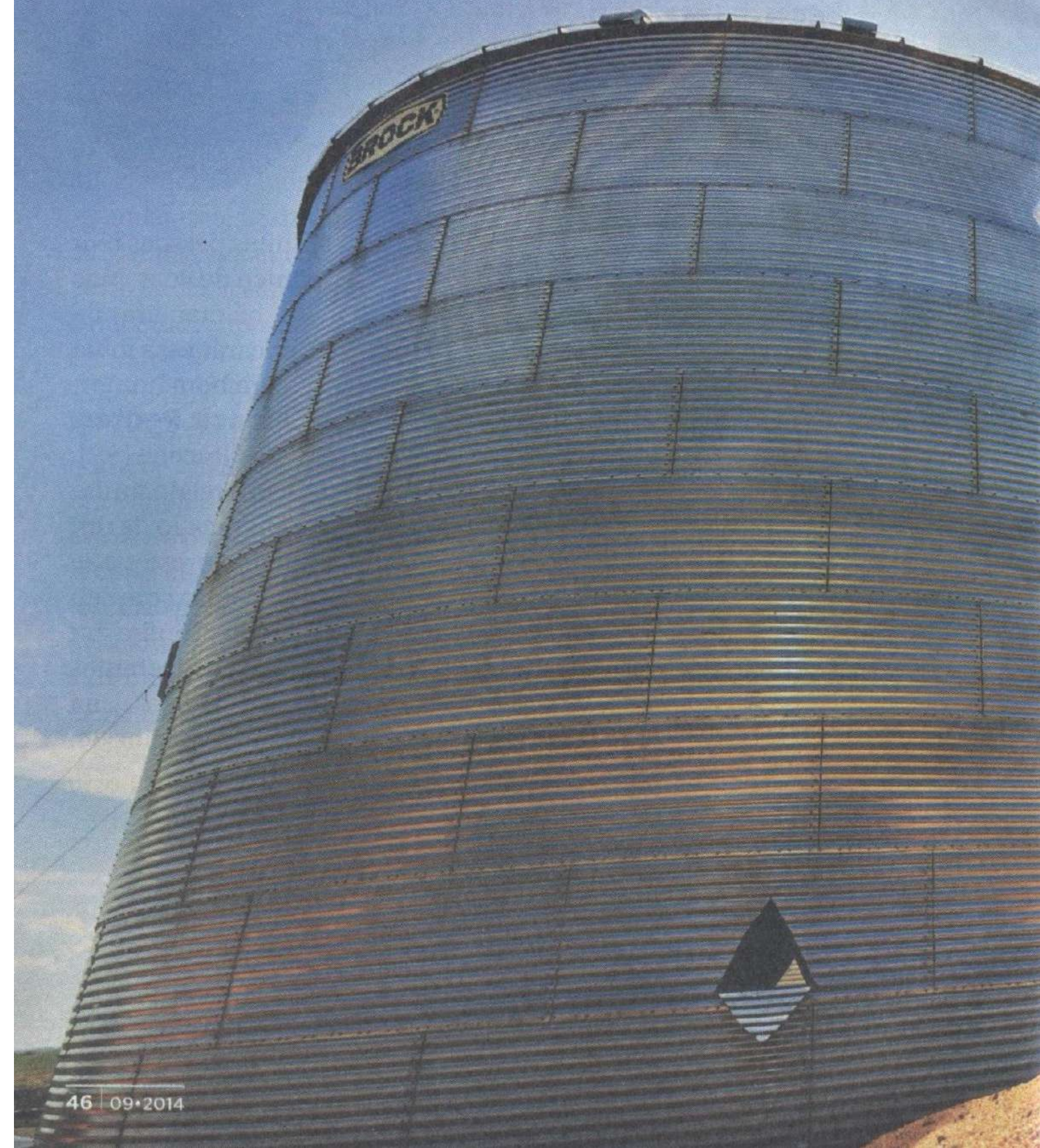


Jovens - Evitar as diversões mundanas (elas te esmagam)

Esmagado



peelo milho

A photograph of a young man with short brown hair, wearing a white sleeveless shirt and black shorts, standing on a large pile of yellow corn. He is looking off to the side with a serious expression. In the background, there are several large, cylindrical metal grain silos and a dark building under a bright blue sky with some clouds. The sun is visible in the top left corner, creating a lens flare effect.

Durante horas, ninguém sabia que Arick Baker caíra num silo de milho a 60°C e estava sendo lentamente esmagado até a morte

POR NICHOLAS HUNE-BROWN

Desde que Arick Baker era criança, o pai não se cansava de avisar: “Quem cai no milho não sai mais.”



Os enormes silos que marcam a paisagem do estado americano de Iowa guardam milho seco suficiente para engolir um corpo por completo, acabando em segundos com o ar e a vida da pessoa. Os acidentes que acontecem costumam ser fatais. Só em 2010, 26 americanos morreram em silos. Para os bombeiros de Iowa, em geral a ida a um silo não é uma operação de resgate; é uma retirada de cadáver.

Entretanto, naquela quarta-feira de junho de 2013, Arick, 23 anos, não pensava nos riscos. Como o pai, Rick, estava envelhecendo, e o único empregado da fazenda já tinha mais de 70 anos, Arick cada vez mais ia se tornando responsável pelas tarefas desagradáveis. Era a primeira vez que limpava um silo empoeirado e lhe tomara a segunda e a terça-feira inteiras. Agora ele tentava terminar o serviço.

Naquela manhã, enquanto o pai e outro motorista se revezavam levando carregamentos de grãos, Arick estava de pé dentro do silo de 1.500 toneladas tentando quebrar com um pedaço de cano de PVC as aglomerações de milho apodrecido que bloqueavam o

fluxo. Era um dia escaldante, e dentro do imenso cilindro de aço corrugado fazia 60°C. Arick é asmático, e o pai lhe dera uma máscara de ventilação a pilha com visor e um pano que ele amarrou debaixo do queixo. A máscara não produzia oxigênio, mas pelo menos filtrava toda a poeira levantada enquanto Arick trabalhava mergulhado no milho até os tornozelos.

Por volta das 10h30, o pai de Arick saiu do seu lugar no telhado, onde estava de olho no filho, a fim de desligar a rosca varredora que girava na base do silo para mover os grãos e fazer com que saíssem e caíssem no caminhão à espera. Com a carga completa, o pai de Arick levou o veículo. Segundos depois, o rapaz sentiu o milho ceder sob seus pés.

Sem saber, ele rompera uma aglomeração de milho podre que se solidificara numa ponte, com um imenso bolsão de ar embaixo. Agora esse bolsão se enchia depressa, sugando o milho e junto com ele Arick, que mergulhou até os joelhos e depois até a cintura. Ele tinha uma corda enrolada no braço direito e se agarrou a ela com o máximo de força possível, mas não adiantou. O milho, tal qual areia movediça, o arrastava para baixo, e Arick só pôde observar, indefeso, a corda deslizar por suas mãos enluvasadas. “Papai!”, gritou uma vez. Depois, inspirou fundo. Escuridão, silêncio. Estava enterrado no milho.

Arick Baker perto do local onde ficou enterrado por mais de quatro horas.



Estava firmemente preso, o braço esquerdo para cima, só a ponta dos dedos saindo do milho. A pressão era enorme, uma sensação horrível: espremido com força igual em cada centímetro do corpo. Era como ser estrangulado por mil jiboias. Tentou mexer a perna, mas o milho escorreu de volta para encher o buraco e o apertou ainda mais. Cada respiração o deixava exausto. Estava hiperventilando, o que também não ajudava. Mas ainda respirava. A máscara parecia estar funcionando bem. Mas quanto tempo durariam as pilhas? Três horas? E depois?

Agora meu pai já deve saber que estou aqui, pensou Arick. Sem dúvida ele o descobriria. Mas um segundo pensamento não parava de importuná-lo: e se o outro motorista chegasse e ligasse a rosca? A engrenagem estava a poucos centímetros do pé direito de Arick. Ele seria sugado pelo mecanismo.

As horas se arrastavam, e, para não enlouquecer, Arick ficou pensando em tudo de que sentiria falta. No fim de semana anterior, ele e os amigos tinham ido ao Lago de Ozarks. Alugaram um barco e foram até a enseada conhecida como Party Cove. Fora um dos melhores fins de semana da sua vida. E pensar que agora tudo poderia acabar... Nunca voltaria a conversar com os amigos, alguns dos quais tinham se mudado de Iowa e saberiam de sua morte pelo Facebook. Nunca descobriria o que poderia acontecer com a menina com quem mal começara a conversar – a garota que, no mesmo momento em que, sozinho, sufocava lentamente, lhe mandava uma mensagem: “Morreu, moço? Ou só não quer conversar comigo hoje?”

Em certo momento, Arick se resignou com a morte. Encher o pulmão parecia exigir força além da que tinha:

o mais leve inflar do peito enfrentava a resistência implacável da montanha de milho que o apertava de todos os lados. Estava cansado de lutar e começou a perder e recuperar a consciência.

As 10h32 daquela manhã, momentos após ir embora, Rick, o pai de Arick, mandara um torpedo ao filho: “Ei, Arick. Como um idiota, esqueci de esperar que você saísse daí inteiro. Me ligue quando puder.” Duas horas depois, ainda sem resposta, Rick ligou para o outro motorista e pediu-lhe que desse uma olhada no filho antes de religar a rosca. Quando o motorista olhou dentro do silo, não havia sinal de Arick, apenas a corda pendendo do alto do silo. Nesse momento ele acenou para um carro da polícia que passava.

Eram 12h45 quando o Departamento de Bombeiros Voluntários de Iowa Falls chegou à fazenda. Tyler Prochaska, veterano com 15 anos de prática, e Jason Barrick, outro bombeiro, entraram de imediato no silo. Estava quieto. Silencioso. Passaram alguns minutos vistoriando a estrutura sufocante e mal iluminada antes de transmitir pelo rádio a má notícia: “Se o rapaz estiver aqui, deve estar morto, porque não vejo nem ouço ninguém.”

Então, lá de baixo, do meio do milho sob seus pés, um grito: “Estou vivo, estou vivo, estou vivo!”

Prochaska e Barrick se afundaram até o joelho e começaram a cavar como cães. Ouviam Arick abaixo deles, contando em voz alta por alguma razão, e seguiram o som de sua voz. Prochaska estava mergulhado até o cotovelo quando encontrou a mão esticada do jovem fazendeiro.

“Finalmente”, diria Prochaska depois, “agarrei algo que me agarrou também.”

Saber que Arick ainda estava vivo eletrizou os bombeiros, que se amontoaram no silo para ajudar. No entanto, a escavação demorava, e a euforia inicial de Arick por ter sido encontrado começou a se esvaír. Com a cabeça fora do milho, estava no centro de um funil, com os grãos empilhados até bem alto em torno dele. Cinco vezes Barrick e Prochaska liberaram a cabeça do rapaz e cinco vezes algo se mexeu e o milho tornou a cair em avalanche sobre ele, mergulhando-o de novo na escuridão apavorante. Eles cavaram outra vez, seguindo o som do bipe intermitente que vinha da máscara para avisar que as pilhas se esgotavam.

Os bombeiros trouxeram o tubo de resgate em silos, um cilindro de metal com painéis destacáveis projetado para conter a vítima e aliviar parte da pressão. Fora comprado recentemente e agora iam experimentá-lo.

Barrick e Prochaska empurraram seções do tubo no milho em torno de

Arick, formando uma barreira, e depois entraram junto dele, revezando-se para tirar o milho com as mãos, com o capacete, com qualquer coisa que servisse para cavar.

Prochaska se enfiou no tubo, usando o corpo como reforço para evitar que a barreira desmoronasse. Mesmo assim, um dos painéis cedeu, deixando os grãos entrarem aos poucos, e Prochaska forçou as costas contra o vazamento. Os paramédicos insistiram para que os bombeiros fizessem uma pausa depois de trabalharem duas horas e meia no silo escaldante, mas eles se recusaram a sair de junto de Arick. *Se nos mexermos, ele já era*, pensou Prochaska.

Enquanto isso, mais de 120 bombeiros voluntários do condado, além de fazendeiros locais, se reuniam em torno do silo, dispostos a ajudar. Com serrotes e maçaricos, abriram buracos na base do silo para tentar esvaziá-lo, embora pouco milho saísse. Voluntários se revezavam, tirando com pás os grãos que se acumulavam sob as aberturas. Era tudo muito lento até que o pai de Arick usou a pá mecânica de um vizinho para limpar a área.

O resgate estava na terceira hora, perto das 16 horas, e Arick ainda não acreditava que sobreviveria. Então aconteceu. Num movimento rápido, os bombeiros libertaram sua perna e o puxaram para cima e para fora do tubo de resgate, e ele caiu sobre

Prochaska. Arick chorava quando os dois se abraçaram e caíram no chão, exaustos demais para sustentar o próprio peso.

Um mês depois, a família Baker ofereceu um jantar para os salvadores. Arick tivera uma recuperação extraordinária em dois dias de hospital, sem sequelas. Haviam-no hidratado e extraído grãos de milho incrustados na pele. O coração fora forçado até o limite.

“Os médicos disseram que, se eu fosse cinco anos mais velho, meu coração teria explodido”, conta Arick. “E se fosse cinco anos mais novo, teria sido esmagado.”

No jantar, Arick e Prochaska se abraçaram e choraram antes de devorar o lombo de porco e comparar lembranças do acidente. Entre brindes, Prochaska perguntou a Arick:

– Por que você contava em voz alta? Estava marcando o tempo?

Arick respondeu rindo:

– Eu não estava contando nada. Só não sabia mais o que dizer.

Em termos gerais, Arick deixou para trás a experiência no silo como se fosse um sonho surrealista e não a situação quase fatal que foi. Às vezes, porém, uma sensação de peso cai sobre ele, que se encolhe, impotente, sob a pressão. E por um segundo ele se vê lá – de volta ao escuro, mergulhado no milho. 